



AS NARRATIVAS DE FILIAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

“Herança” familiar: o mal-estar da transmissão em *Meu pai e o fim dos judeus da Bessarábia*, de Samuel Fux e Jacques Fux

Family “inheritance”: the discomfort of transmission in Samuel Fux and Jacques Fux’s *Meu pai e o fim dos judeus da Bessarábia*

“Herencia” familiar: el malestar de la transmisión en *Mi padre y el fin de los judíos de Besarabia*, de Samuel Fux y Jacques Fux

Tayane Fernandes dos Santos¹

orcid.org/0000-0002-3713-9175
tayanefernandesacademico@gmail.com

Silvana Maria Pantoja dos Santos²

orcid.org/0000-0002-1107-1336
silvanapantoja3@gmail.com

Recebido em: 15 maio 2025.

Aprovado em: 11 out. 2025.

Publicado em: 15 dez. 2025.

Resumo: Neste estudo objetiva-se analisar o “mal-estar da transmissão” memorialística em *Meu pai e o fim dos judeus da Bessarábia* (2023), de Samuel Fux e Jacques Fux. O narrador, Samuel, volta-se para a reconstrução do passado do pai, avô de Jacques, com vista a entender-se melhor. A pesquisa é de abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica e de cunho exploratório, com fundamento teórico em Bernd (2018) e Figueiredo (2020), para tratar sobre a teoria das narrativas de anterioridade, a transmissão e suas relações com a memória; e em Assmann (2011), Candau (2016) e Pollak (1989), para as discussões sobre memória. Constata-se que o processo de retorno ao passado por meio da (re)escrita da história paterna entrelaça o narrador ao genitor, numa busca do filho que pode ser entendida não somente como uma forma de encontrar respostas sobre a sua ancestralidade, mas também como uma maneira de quebrar o silêncio de seus antecessores, proporcionando às futuras gerações a possibilidade de outras formas de relação familiar.

Palavras-chave: memória; *Meu pai e o fim dos judeus da Bessarábia*; transmissão.

Abstract: This study aims to analyze the memorialistic “discomfort of transmission” in Samuel Fux and Jacques Fux’s *Meu pai e o fim dos judeus da Bessarábia* (2023). The narrator, Samuel, focuses on the reconstruction of the past of his father, Jacques’ grandfather, in order to understand himself profoundly. In this sense, this bibliographic-exploratory research, with a qualitative approach, is based on Bernd (2018) and Figueiredo (2020) to address the theory of prequel novels, transmission and their relations with memory, in addition to the memory according to Assmann (2011), Candau (2016) and Pollak (1989). The results of the investigation demonstrate that the process of returning to the past through the (re)writing of the paternal history intertwines the narrator with the father, whose search for the son can be understood not only as a way of finding answers about his ancestry, but also as a way of breaking the silence of his predecessors, providing the possibility of other forms of family relationships for future generations.

Keywords: memory; *Meu pai e o fim dos judeus da Bessarábia*; transmission.

Resumen: Este estudio tiene como objetivo analizar el “malestar de la transmisión” memorialístico en *Mi padre y el fin de los judíos de Besarabia* (2023), de Samuel Fux y Jacques Fux. El narrador, Samuel, se vuelve a la reconstrucción del pasado del padre, abuelo de Jacques, con el fin de comprenderse mejor. La investigación es de enfoque cualitativo, de carácter bibliográfico y de índole exploratoria, con base teórica en Bernd (2018) y Figueiredo (2020) para abordar la teoría de las novelas de anterioridad, la transmisión y sus relaciones con la memoria; Assmann (2011), Candau (2016) y Pollak (1989), para las discusiones sobre la memoria. Se comprueba que el proceso de retorno al pasado a través de la (re)escritura de la historia paterna, entrelaza el narrador al genitor, cuya búsqueda del hijo puede



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Estadual do Piauí (Uespi), Teresina, Piauí, Brasil.

² Universidade Estadual do Piauí (Uespi), Teresina, Piauí, Brasil e Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luis, Maranhão, Brasil.

ser entendida no sólo como una forma de encontrar respuestas sobre su ascendencia, sino también como una manera de romper el silencio de sus predecesores, brindando a las generaciones futuras la posibilidad de otras formas de relación familiar.

Palabras clave: memoria; *Mi padre y el fin de los judíos de Besarabia*; transmisión.

Considerações iniciais

Quando criança, ainda sem saber da história que surgia – e da história que tinha que perpetuar –, morei em Belo Horizonte, no Barro Preto, na rua Araguari, acredito que entre as ruas Tupis e Goitacazes. Não me lembro de quantos cômodos havia, onde dormíamos e nem mesmo os perfumes da vizinhança – sei apenas que os vizinhos não se importavam com a gente, apesar de a gente ter sempre medo deles. Manias e receios do papai (Fux; Fux, 2023).

As narrativas de anterioridade, mais especificamente de filiação, são produções em que os narradores buscam entender a si, com base no passado dos pais ou demais ancestrais (Viar *apud* Bernd, 2018). Geralmente, as obras que trazem essa abordagem inscrevem em sua tessitura a inter-relação entre memória e trauma, principalmente no que se refere às implicações de experiências dolorosas nos processos de transmissão memorialística entre gerações.

As narrativas põem em evidência a transmissão memorialística pautada em costumes, crenças, culturas e modos de viver individual e social, que pode ser afetada quando um ancestral responsável por manter a continuidade do grupo passa por experiências difíceis. Tal “falha” na transmissão contribui, negativamente, para a ideia de *continuum* entre as gerações anteriores e as posteriores (Bernd, 2018).

Sendo vistos como uma variante autobiográfica, os romances de filiação surgiram e tiveram um aumento significativo na França por volta de 1980, com o intuito de encenar as novas contradições da época, marcadas por destroços físicos e simbólicos deixados pelas duas grandes

guerras, o aumento do êxodo rural, as aceleradas transformações econômicas e sociais, tendo como consequência a falência na capacidade de narrar e a fragmentação identitária, com sujeitos movidos pela necessidade de reencontrar suas origens. Segundo Figueiredo (2020, p. 2), no Brasil, esse “tipo de romance é praticado, sobretudo, por autores descendentes de imigrantes, cujos laços familiares foram rompidos com viagens e choques culturais”.

Como narrativas de filiação brasileiras, destacam-se as obras *Azul-corvo* (2010), de Adriana Lisboa; *Diário da queda* (2011), de Michel Laub; *A resistência* (2017), de Julián Fuks, dentre outros. Soma-se a esses o romance *Meu pai e o fim dos judeus da Bessarábia* (2023), de Samuel Fux e Jacques Fux.

As características em comum entre os romances de filiação são que todos “[...] problematizam a transmissão da herança e buscam dar conta de uma falta: rupturas, segredos de família e figuras parentais ausentes [...]. Todos esses aspectos tornam o passado bastante obscuro”, destaca Campos (2017, p. 684). Dessa forma, nas narrativas de filiação, as lembranças dos narradores, em sua maioria protagonistas, estão calcadas na constante ambiguidade diante do vivido, do lembrado e da ausência de vestígios e partilha de memórias familiares.

O romance *Meu pai e o fim dos judeus da Bessarábia* (2023) é uma obra assinada por dois autores: pai (Samuel Fux) e filho (Jacques Fux). O narrador, Samuel, volta-se para a reconstrução do passado do pai dele e avô de Jacques, com o intuito de entender-se melhor. Portanto, é na tentativa de reconstrução do passado do avô de Jacques e pai de Samuel Fux que a obra se centraliza, entrelaçando real e ficcional, pois, como destaca Bernd (2018), em muitos romances de filiação não há um pacto ficcional³ que comumente considera-se em narrativas tradicionais. Enquanto nestas o leitor aceita o mundo fantasioso criado, nos romances de filiação estabelece-se um novo tipo de pacto:

³ Em *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet* (2008), Philippe Lejeune diferencia o pacto ficcional do autobiográfico: no primeiro, o leitor pode inferir que a obra lida é uma ficção, não referenciando os acontecimentos narrados à realidade; no segundo, implícita ou explicitamente, o autor deixa pistas de que a narrativa refere-se à pessoas e acontecimentos da realidade, podendo até declarar-se “explicitamente idêntico ao narrador” (Lejeune, 2008, p. 30).

o de reconhecer o real na ficção.

Diante do exposto, objetiva-se analisar o "mal-estar da transmissão" memorialística em *Meu pai e o fim dos judeus da Bessarábia* (2023), de Samuel Fux e Jacques Fux. O estudo é de abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica e de cunho exploratório, com fundamento teórico em Bernd (2018) e Figueiredo (2020), para tratar sobre a teoria dos romances de anterioridade, a transmissão e sua relação com a memória; e em Candau (2016), Assmann (2011) e Pollak (1989), para as discussões sobre a memória.

Jacques Fux é escritor, pesquisador e professor, com doutorado e pós-doutorado em literatura. Além de possuir pesquisas relacionadas ao trauma e à transmissão memorialística, o autor tem um projeto literário voltado para a temática dos processos de transmissão da memória, principalmente em relação à origem judaica, da qual é descendente. Já Samuel Fux é historiador e advogado. Movido pelo filho e pela necessidade de entender sua anterioridade e interioridade, buscou escrever suas memórias, o que culminou na obra que aqui se busca analisar.

Em entrevista publicada no *site Quatro cinco um* (2023b), Jacques Fux destaca que "[...] traumas são transmitidos pelo silêncio. Falar é a maneira de interromper o trauma". Nessa perspectiva, o autor produziu o que chama de "tetralogia do silêncio", que, conforme defende, também transmite sentidos. A tetralogia é composta pelas obras: *As coisas de que não me lembro, sou* (2022), obra juvenil finalista do Prêmio Jabuti (2023); *Herança* (2022); *Nunca vou te perdoar por você ter me obrigado a te esquecer* (2023); *Meu pai e o fim dos judeus da Bessarábia* (2023) – esta, em coautoria com Samuel Fux, na primeira investida literária desse. Em 2013, Jacques Fux foi vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura com a obra *Antiterapias* (2012).

O pai de Samuel era de origem judaica; quando infante, vivera em uma comunidade judaica em Briceni, pequena cidade localizada na Bessarábia, atualmente parte da República da Moldávia. Por

volta de 1933, as comunidades desse território passaram a ser perseguidas sob suspeita de revolta comunista e por discriminação em relação a seus costumes religiosos, principalmente por meio de ações violentas conhecidas como *pogroms*.

Como destacado no *site da Enciclopédia do Holocausto* (2024) "*Pogrom* é uma palavra russa que significa 'causar estragos, destruir violentamente'. Historicamente, o termo refere-se aos violentos ataques físicos da população em geral contra os judeus, tanto no império russo como em outros países". Os participantes das ações arbitrárias assassinavam, violentavam e roubavam as vítimas, muitas vezes sob incentivo do governo e da polícia, o que se intensificou com a ascensão da ideologia nazista de Adolf Hitler.

Em meio a esse contexto de constante perseguição e violência, o pai de Samuel tornou-se um imigrante no Brasil, fugindo dos ataques dos *pogroms*. Em seu novo país, montou uma pequena colchoaria e buscou enterrar seu passado em Briceni, na tentativa de fugir dos fantasmas que o assombravam.

A partir do silêncio permeado na relação com seu pai, Samuel Fux escreveu suas memórias, na tentativa de reconstruir o passado do pai e resguardar as poucas lembranças de vivências que tinha com ele. Jacques Fux, por sua vez, com sua experiência de escritor, deu traços literários à obra. O desejo de deixar um legado a gerações futuras sobre a história familiar é o que justifica essa escrita em coautoria.

1 "Sou o filho que leva e suporta a herança do pai": o "mal-estar da transmissão"⁴ memorialística em *Meu pai e o fim dos judeus da Bessarábia*

A memória é a faculdade responsável por armazenamento, transmissão de informações e acúmulo de vivências. A partir do presente, os sujeitos ressignificam suas experiências pretéritas e dão sentido às futuras. Dessa maneira, a reelaboração do passado permite a continuidade

⁴ O percalço que "alguns autores chamam de 'mal-estar da transmissão', quando se tem vergonha de memórias traumáticas do seu próprio passado ou do passado dos ancestrais" (Bernd, 2018, p. 28).

da vida. É no processo de (re)avaliação de vivências que o sujeito compreende a si e o lugar que ocupa no meio social.

Segundo Halbwachs (2006), as construções memorialísticas se dão por meio da socialização entre grupos, sendo a família o primeiro deles. A partir disso, destaca-se a importância dos pais ou de figuras que os representem na construção da ideia de pertencimento do sujeito a uma tradição e cultura, o que está intrinsecamente ligado à noção de identidade, tanto pessoal como do grupo. Essas construções são projetadas por meio da transmissão, que, segundo Bernd (2018), constitui-se em um *continuum* de sobrevivência.

No entanto, nem sempre o passado abriga experiências exitosas, que desencadeiem nos grupos familiares o desejo de compartilhá-las com gerações futuras. É em meio a essa conjuntura problemática da transmissão memorialística que se encontra o narrador de *Meu pai e o fim dos judeus da Bessarábia* (2023). O protagonista se apresenta de forma desconcertada diante da percepção de que desconhece o passado de seus ancestrais, principalmente o do próprio pai.

Organizada em 13 capítulos, a narrativa é estruturada por meio de fragmentos de memórias e relances entre presente e passado do narrador, entrelaçando ficção, história e memória. O protagonista teve uma infância permeada por não ditos; na fase adulta, tenta reconstruir o passado do pai por meio da escrita memorialística. Com base nisso, pode-se dizer que a obra em questão apresenta características de um romance de filiação.

Para Viart (*apud* Bernd, 2018), os romances de filiação apresentam narradores que se voltam para histórias de seus antepassados, problematizando-as na tentativa de conhecê-las melhor, ao mesmo tempo que se utilizam de retrospectivas para conhecer a si e ressignificar suas próprias experiências.

Um aspecto que já denota a ideia de filiação no romance, desde seus elementos pré-narrativos, é o fato de a obra ser assinada por pai e filho. Isso já implica a noção de partilha de memórias familiares. A escritora e crítica literária Thais Lancman

(2023a) problematiza:

Ao assinarem o livro conjuntamente, Samuel e Jacques Fux levantam a pergunta: a quem pertence uma história? Se assumimos o filho como autor, ele em parte criou a voz do pai enquanto personagem. Tomando a autoria conjunta, ambos inventaram aquela voz que narra e que, mesmo ficcional, se mostra originária de um autor real. Enquanto história coletiva, da família ou da imigração judaica saída da Bessarábia rumo ao Brasil, ela se torna exemplar e, portanto, o estilo seria eclipsado por sua capacidade de ser lida como trajetória paradigmática. *Meu pai e o fim dos judeus da Bessarábia* permanece entre o testemunho da geração de filhos de imigrantes, que ainda carece de mais registros, em especial no Brasil, e um exercício literário que toca em diversas questões em ebulição na literatura contemporânea, a começar pela própria memória, o trauma, e seus usos literários. No final, a história não pertence a ninguém e se mantém igualmente viva, entre autores e leitores, por todos. Como ocorre com frequência, o questionamento interessa mais do que uma resposta definitiva.

Além disso, a primeira parte do título da obra é formada pela junção do pronome possessivo "Meu" e do substantivo sucedente "pai", o que pressupõe que a narrativa está centrada na figura paterna de quem narra. A conjunção aditiva "e" acrescida de "o fim dos judeus da Bessarábia" pressupõe uma história individual, mas entremeadada de vivência coletiva. O uso do substantivo no plural "judeus" leva o leitor a inferir que se trate de um enredo voltado para o antissemitismo, mais especificamente aos judeus que viviam na Bessarábia.

Conforme Bernd (2018, p. 25), "Este tipo de romance que Viart chama de 'romance de filiação' articula-se a partir de vestígios (objetos da casa paterna, cartas, fotos) ou da falta (pais ausentes, transmissão imperfeita, ressentimento)". É com base na segunda perspectiva, com ênfase nas ausências, nas falhas de transmissão e na dor que o narrador-personagem sente, que a obra *Meu pai e o fim dos judeus da Bessarábia* se desenvolve, já que ele busca entender o passado do pai e de seus antepassados. O narrador destaca ressentido: "Papai não me deixou nenhum nome de nenhum parente. Não me deixou nenhum caderno de memórias. Nada de restos e rastros" (Fux; Fux, 2023, p. 56-57). A fragmentação da vida

causa-lhe uma ânsia por reconstruir, mesmo que simbolicamente, a anterioridade, como meio de entender sua interioridade e deixar o legado (que seu pai não lhe deixou) para as futuras gerações.

A desconexão do protagonista com a história familiar é provocada pela ausência de "nomes de parentes", "cadernos de memórias" ou "restos e rastros" do passado, os quais pressupõem a carência de uma história e de legados compartilhados. O que permeou a relação entre pai e filho foi o vazio e o silêncio, de modo que as reflexões do narrador sobre isso contribuem para a problematização da herança familiar.

A partir da falta da figura paterna, o narrador inicia seu processo de ressignificação do passado. O pai não falava muito sobre a infância que teve, e o personagem, adulto, após o falecimento do genitor, começa a se dar conta das obscuridades que permeavam a relação dos dois: "A morte do pai. A morte do meu pai. Foi então que me dei conta do tanto que gostaria de conhecê-lo. Percebi o tanto de silêncios que tínhamos vivido até aquele dia. Entendi que viveria pelo resto da minha vida imerso nessa falta, com nós que nunca seriam desatados" (Fux; Fux, 2023, p. 74).

O falecimento do patriarca implica a orfandade de tudo que poderia ter sido e não foi. Os não ditos, a ausência de conexão com suas raízes e o legado dos que vieram antes de si agora terão menos chances de partilha. A dor causada pela perda física e simbólica do pai do narrador é intensificada na frase "A morte do pai. A morte do meu pai", a qual gera a perplexidade sobre o quanto ele e o pai eram distantes. Desse modo, o silenciamento em torno da história familiar marcará a identidade do narrador no decurso temporal, caracterizada por vazio e incompletude.

A memória é um terreno, ao mesmo tempo, de luz e obscuridades. A ressignificação de experiências leva o sujeito a atribuir novos sentidos ao vivido, dando importância ao acontecimento em si. Sobre isso, Candau (2016, p. 75) destaca:

Da mesma forma que para reler um livro com a mesma disposição com que se leu na infância seria necessário esquecer tudo o que se viveu desde então e reencontrar tudo o que sabíamos naquele momento, a pessoa que

desejasse reviver fielmente um acontecimento pertencente à sua vida passada deveria ser capaz de esquecer todas as experiências posteriores, incluindo aquela que estivesse vivendo durante a narração. Essa coincidência perfeita entre o "eu narrador" e o "eu narrado" é impossível.

Nesse sentido, a lembrança não se configura na reconstrução fiel de um acontecimento, mas sim na releitura do fato, a qual pressupõe impressões subjetivas. Ao rememorar um evento, o sujeito o relaciona com vivências posteriores, na busca por uma avaliação de como o passado moldou o seu presente e pode influenciar seu futuro.

Apenas com o amadurecimento, o protagonista de *Meu pai e o fim dos judeus da Bessarábia* percebe o quanto poderia de ter conhecido melhor o pai e sua história ancestral. A seguir, o narrador relembra as tentativas, na infância, de conhecer o lugar de origem do pai:

Papai veio de algum lugar, não sei de que bairro e nem como era a sua casa – 'Papai, o senhor veio da Bessarábia, da Moldávia, do Império Russo ou da Romênia?'. Sei que, enquanto eu crescia, cada dia a história que desconhecia mudava um pouco. Seu pai se transformava num lugar diferente e distante, com uma grafia ainda mais estranha que a outra – lembro-me disso, pois tínhamos que construir a árvore genealógica da família na escola e a minha era sempre esquisita e pobre, sem galhos e ramificações. Só anos depois descobri que esses países eram o mesmo, que lá fazia frio, e que ele guardava um segredo de sua juventude (Fux; Fux, 2023, p. 13).

Na tentativa de atribuir algum sentido ao seu passado, o infante-narrador, permeado pela inocência e falta de maturidade, contrasta com o narrador da fase adulta. Sem informações sobre a origem paterna, a árvore genealógica feita na escola era "esquisita e pobre, sem galhos e ramificações". Somente em outro contexto temporal descobre que o pai emudecia diante do passado; então, busca compreender o que estava por trás de seu silêncio.

Como se trata de um entrelace temporal (passado e presente), não é possível afirmar se a lembrança trazida no fragmento supracitado é do protagonista quando infante ou se é uma

reflexão feita por ele durante o ato de narrar. Essa estratégia pode servir para a construção do próprio processo de rememoração na tessitura narrativa. O vai e vem das lembranças faz com que, muitas vezes, o sujeito perceba a complexidade do próprio vivido, o que vai ao encontro do pensamento de Bernd:

Memória e transmissão estão intimamente associadas: o processo fragmentário e sempre recomeçado da rememoração encontra seu sentido na transmissão. A transmissão pode se realizar através das narrativas que uma pessoa confia à outra, que uma geração lega à outra, que um escritor transforma em ficção ou que um historiador transforma em História. Pode-se concluir que uma não existe sem a outra: recuperação memorial e transmissão, duas faces da mesma moeda (2018, p. 27).

Sendo também um saber, a memória funciona como uma ponte entre o sujeito e suas gerações anteriores e posteriores. Os mais íntimos costumes, tradições e experiências são transmitidos de uma geração a outra por meio da memória. Entretanto, quando não ocorrem os processos de transmissão esperados, tais aspectos podem ser problemáticos.

Nesse sentido, é preciso considerar que o passado abarca lembranças não apenas positivas, mas também negativas. Estas, por sua vez, são as que mais afetam o sujeito e, dependendo do contexto e do impacto, podem tornar-se intraduzíveis, como destaca Assmann (2011). Pode-se dizer, então, que memórias dolorosas podem dificultar os processos de transmissão.

Nesse sentido, conforme Bernd (2018, p. 27-28), "Quando as memórias são indizíveis, não pode haver nem a mobilização nem a socialização da memória, que é a transmissão". Ante o impasse de transmitir o evento doloroso, o indivíduo busca cessar a transmissão do seu passado, e isso pode, de certa forma, implicar a descontinuidade e a negação da tradição, deixando lacunas sobre os modos de viver de seus antepassados.

O mal-estar da transmissão ou o desconforto em relação ao passado podem ser desenvolvidos a partir de diversos fatores, como experiências de guerra, tortura, abusos sexuais, dentre outros, os quais causam dor e vergonha nas vítimas. No

romance, objeto deste estudo, percebe-se que o pai do protagonista se sente desconfortável diante de seu passado. O patriarca do narrador era judeu e, durante a infância, vivenciou o contexto de perseguição ao seu povo na Bessarábia. Diante disso, o filho, narrador-protagonista, "não conhece, senão de modo lacunar, aquilo que foi vivenciado pelos pais e avós" (Figueiredo, 2020, p. 2).

À luz dos estudos de Michael Pollak (1989), destaca-se que muitas vítimas de perseguição antissemita e, conseqüentemente, do Holocausto ou outras catástrofes históricas, em uma tentativa de fuga do passado, encontram no silêncio uma forma de defesa. No entanto, por mais que tentem, não conseguem superar as situações-limite pelas quais passaram e transformam suas memórias no que o autor chama de "subterrâneas".

No romance *Meu pai e o fim dos judeus da Bessarábia*, a recusa do pai do narrador em compartilhar o passado com seus familiares e amigos mais íntimos pode ser entendida como uma forma de se precaver da dor.

Instantes se apagam; as cicatrizes permanecem. Meu pai tratou de enterrar suas feridas. Talvez tenha sido a sua única saída; sua forma de continuar caminhando. Ele nunca me contou sua história, nunca me ensinou sua língua – para falar a verdade, nem sei que língua ele falava com seu pai e seus amigos, se era idiche, romeno, russo ou algum dialeto já desaparecido. Seu carinho se deu em forma de silêncios e vestígios (Fux; Fux, 2023, p. 21).

O narrador busca aqui dar uma explicação ao silêncio do pai. Este, conforme enfatiza o personagem, deve ter visto no silêncio a única possibilidade de "continuar caminhando". Conforme Pollak (1989), além da adoção do silêncio como justificativa de defesa pessoal, os sobreviventes de situações-limite também veem no silêncio uma forma de poupar os filhos do sofrimento vivido por eles e seus antepassados, ou, até mesmo, sentem-se culpados por ter sobrevivido.

Em *Meu pai e o fim dos judeus da Bessarábia*, o narrador destaca que seu pai viu o próprio pai ser morto quando ele (o pai do narrador protagonista) tinha apenas sete anos, em um dos ataques dos *pogroms*. A cena traumática contribuiu para

impedir que o pai do personagem se orgulhasse do seu passado e do seu pertencimento ao povo judeu.

De acordo com Assmann (2011, p. 269), "Quando vemos algo extraordinariamente baixo, abominável, incomum, grande, inacreditável ou ridículo, tais coisas ficam gravadas em nossa memória por longo tempo [...]". A partir disso, pode-se inferir que o sujeito não tem o poder de escolha diante do que fica entalhado em sua memória; são os impactos emocionais causados pelas experiências que delimitam o que guardam e o que esquecem. Dessa forma, o afeto funciona como um *estabilizador*⁵ de recordação, tornando a memória mais durável, principalmente quando a experiência traz dor.

O pai do narrador, na tentativa de impedir a incidência da lembrança que traz a cena da execução do pai dele, abrigava-se demasiadamente no trabalho.

Mas, mesmo com a minha surdez atual, ainda posso ouvir as notas musicais daquela máquina elétrica Singer ressoando junto ao caminhar perdido do papai durante as madrugadas. Ele trabalhava até tarde. Trabalhava e tinha medo, muito medo, de que o fechar dos olhos e o abafar dos sons trouxesse a cena terrível do seu adeus ao pai (Fux; Fux, 2023, p. 16).

Somente no presente, o narrador entende e atribui sentido ao exagerado apego de seu genitor ao trabalho de costura. Na perspectiva de Seligmann-Silva (2008, p. 69), "o trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa". Dessa forma, como uma ferida que não cicatriza, a memória do trauma pode acompanhar o sujeito durante toda a vida e moldar a maneira como ele se relaciona com o seu presente. Como se pode inferir, o presente do pai do narrador estava preso ao passado, que o paralisou e o atormentou ao longo da vida, impedindo-o de "transmitir" a sua história ao filho.

O pai do protagonista vivia em constante desconfiança de tudo e de todos ao seu redor; não

gostava que a família se aproximasse de desconhecidos, principalmente dos *goim* – como são chamadas pessoas não judias: "No Brasil, brincávamos com amigos *goim* que moravam em casas próximas, mas meu pai não gostava que nos aproximássemos. O seu medo era de que o outro fosse sempre perigoso, traiçoeiro, dedo-duro. Estrangeiro" (Fux; Fux, 2023, p. 39).

Além de dedicação demasiada ao ofício de costura, o pai do narrador também se distanciava de alguns costumes e tradições do povo judeu. Exemplo disso está no fato de ele ser avesso aos livros, às práticas religiosas e à alimentação seguida pelos judeus. Até mesmo assistir a um filme lhe causava desgosto: "Cinema é passado, é memória, é resgate, é ficção – coisas que ele não conseguia suportar" (Fux; Fux, 2023, p. 33). O pai queria esquecer tudo que o fizesse reviver o passado, mesmo que isso significasse negar o seu pertencimento ao povo do qual se originara. Nesse sentido, o trauma o impediu de colocar em palavras o evento doloroso. Conforme destaca Assmann (2011, p. 277) "As palavras não incorporam o trauma nelas mesmas. Por pertencerem a todos, elas não acolhem nada de incomparável, específico ou único, muito menos a singularidade de um terror persistente. No entanto, o trauma requer, justamente, as palavras".

Todas as situações conturbadas vividas pelo pai do narrador causaram o "mal-estar" (Bernd, 2018). Assim, em vez de perpetuar a memória do seu povo, em particular da família, o pai silenciou, sendo acometido por um vazio existencial, o que levou o filho-narrador a uma tentativa de reconstituição:

(Eu queria conhecer as memórias cotidianas do meu pai de sua época em Briceni. Queria saber o nome completo dos seus amigos, as bobagens que falavam nas ruas, os encontros casuais, os dias em que ele mais sorria, o nome das ruas de sua cidade, como era a casa em que morava, a comida de que gostava, se a culinária bessarabiana tinha pimenta, coentro, cominho. Queria saber qualquer coisa das suas brincadeiras e brigas com os irmãos, a

⁵ Utiliza-se, aqui, o conceito discutido por Aleida Assmann (2011), em *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Segundo a autora, estabilizadores de recordação são mecanismos internos ou externos à memória que contribuem para torná-las mais duráveis, viabilizando sua transmissão. Dessa forma, os estabilizadores "se opõem à tendência geral ao esquecimento, e que tornam determinadas recordações mais inesquecíveis do que as que prontamente nos escapam" (Assmann, 2011, p. 267).

relação com seus pais, se já teve um sapato de camurça furado, as ninharias do cotidiano). Se soubesse de algo, qualquer coisa, saberia reconstruir e edificar algum passado (Fux; Fux, 2023, p. 69-70).

Observa-se a expressão quase que desesperada do narrador para conhecer os detalhes mais triviais da vida do pai, principalmente de quando o patriarca morava em Briceni. Fica então caracterizado que a identidade e as raízes familiares são constituídas não apenas por acontecimentos grandiosos, mas também por detalhes banais e cotidianos.

Nessa perspectiva, de acordo com Bernd (2018, p. 37-38), "é a partir dos rastros memoriais que construímos o identitário individual e coletivo". Desde o início da narrativa, percebe-se a importância da escrita memorialística para o narrador, que destaca que quer escrever as suas memórias para atar pontas, preencher lacunas.

Começo a escrever para resguardar fagulhas de lembranças próximas e antigas, verdadeiras e falsas, presentes e ausentes. Será possível criar um romance? Serão fiéis as palavras e os passados? Terão existido esses momentos? Não sei. Quero apenas perpetuar o que permanece, o que insiste e persiste em forma de retalhos (Fux; Fux, 2023, p. 9).

O narrador inicia destacando que haverá em seu relato a confluência entre o que Assmann (2011) chama de verdade objetiva e verdade subjetiva, já que a rememoração implica a influência da imaginação. Dessa maneira, fica em constante suspensão na obra a linha tênue entre o real e o ficcional, tendo em vista que o narrador, como já declarou, "inventa" memórias, na busca de respostas que faz a si e "as memórias habitam esses buracos" (Fux; Fux, 2023).

A escrita também funciona como um meio de transmissão de memórias. A mobilização dessa habilidade foi a maneira encontrada pelo narrador para organizar suas lembranças, a partir do preenchimento das lacunas da vida do pai que conhece tão pouco. Em uma das tentativas de entender o silenciamento do pai, o narrador destaca que talvez esse comportamento já tenha sido herdado de seu próprio avô e o pai dele

apenas o reproduziu:

Imagino que papai também observava o seu pai, Simão Fux, escondido. Imagino que ele também o admirava. Que ele também era o seu herói. Creio que o silêncio do meu pai veio dessa mesma época. De observar escondido o seu pai sendo perseguido, humilhado e maltratado naquela cidade em que judeus, embora predomassem, nunca foram bem-vindos (Fux; Fux, 2023, p. 18-19).

Sem informações, o narrador busca "imaginar" o passado do pai. A repetição do verbo "imaginar" pressupõe o uso de elementos do plano ficcional para o preenchimento da história familiar. Dessa forma, o filho tenta construir uma justificativa coerente que explique o silêncio paterno e dê sentido às lacunas, que reverberam em alguns comportamentos do protagonista, como nas suas relações interpessoais. Para compreender isso, acionam-se aqui as palavras de Bernd (2018, p. 24-25):

Falar dos pais é um subterfúgio para falar de si próprio, apontando para um desejo de conhecer melhor a herança deixada pelos pais. Na verdade, trata-se do autobiográfico descrito através de um outro ponto de vista. O filho deseja saber o que aconteceu em momentos da vida dos pais em que ele não esteve presente. Na verdade, esse tipo de romance da memória familiar pode apresentar dois aspectos: a) render tributo aos pais e avós, salientando o quanto o narrador herdou de seus ancestrais, estabelecendo um *continuum* familiar; b) tornar-se um lugar de afrontamento e de acertos de contas com os antepassados, podendo resultar em ruptura com a família ou em reconciliação após o confronto.

À luz das discussões, entende-se a relevância da memória para a construção identitária. No entanto, ao não ser capaz de superar experiências que o impactam negativamente, o sujeito paralisa-se e tem dificuldade de se desenvolver, tanto individual como socialmente. Candau (2016) assevera que a memória possui um sentido ambivalente com relação ao sentimento de identidade: às vezes contribui para o sentimento de continuidade do ser de maneira positiva e, às vezes, pode dificultar esse sentimento.

"Sou filho de um pai que teve o pai arrancado pelo ódio. Sou filho de um alfaiate, de um caixeiro-viajante fugidio, temeroso e silenciado. Sou o

filho que leva e suporta a herança do pai" (Fux; Fux, 2023, p. 21). Essa é uma das descrições que o narrador faz de si e, a partir disso, pode-se inferir o peso das dores do pai. Por mais que o pai não tenha revelado as experiências traumáticas pelas quais passara, o silêncio foi capaz de transmitir ao narrador-protagonista marcas do trauma, e de como o filho se sente obrigado a suportá-las.

Considerações finais

A partir da análise do "mal-estar da transmissão" memorialística no romance *Meu pai e o fim dos judeus da Bessarábia* (2023), de Samuel Fux e Jacques Fux, constatou-se que o processo de retorno ao passado por meio da (re)escrita da história paterna entrelaça o narrador ao genitor, numa busca do filho que pode ser entendida não somente como uma forma de encontrar respostas sobre a sua anterioridade, mas também uma maneira de quebrar o silêncio de seus antecessores, proporcionando às futuras gerações a possibilidade de outras formas de relação familiar.

Ancorando-se nos estudos das narrativas de filiação, da transmissão e da memória, infere-se que a obra em questão se insere em uma tendência contemporânea que desloca o foco de si para o outro ancestral, como estratégia de autocompreensão. Nesse movimento, torna-se possível pensar o sujeito não como um ser isolado, mas como herdeiro de histórias interrompidas, marcadas pela violência, pelo desenraizamento e pelo silêncio. A ficção, nesse contexto, opera como um lugar de escuta e inscrição da dor, uma tentativa de reconstituir o que o tempo, o medo e o trauma tentaram apagar.

O que o pai pôde oferecer ao filho foi a negação de um passado que lhe assombrava, causando-lhe um "mal-estar na transmissão" memorialística. O patriarca do narrador viveu em um contexto de perseguição antissemita e de fuga da cidade natal. Além disso, carrega a imagem do pai sendo assassinado em sua frente, o que o tornou refém do passado. Nesse cenário, o silêncio foi a forma encontrada para lidar com a dor, o que afetou a transmissão da memória familiar.

A obra *Meu pai e o fim dos judeus da Bessará-*

bia (2023) possibilitou refletir sobre as identidades fragmentadas, decorrentes de catástrofes históricas. Ao narrar sobre o pai – e, por extensão, sobre o avô –, o protagonista não apenas resgata fragmentos de uma história fraturada pelas marcas, conseqüentes da perseguição e do exílio, mas também evidencia os limites e as dores do processo de transmissão entre gerações, construindo uma linha tênue entre aquilo que é lembrado, silenciado e reconstruído.

Referências

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução: Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BERND, Zilá. *A persistência da memória em textos literários: Romances da anterioridade e seus modos de transmissão intergeracional*. Porto Alegre: Edições BesouroBox, 2018.

CAMPOS, Laura Barbosa. Clémence Boulouque: a narrativa de filiação como escrita do trauma. *Matraga: revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, [s. l.], v. 24, n. 42, p. 680-693, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/matraga/article/view/30222>. Acesso em: 13 abr. 2025.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016.

ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO. *Pogroms*. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/pogroms>. Acesso em: 20 jun. 2024.

FIGUEIREDO, Euridice. A resistência, de Julián Fuks: uma narrativa de filiação. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, [s. l.], n. 60, p. 1-8, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/30795>. Acesso em: 13 abr. 2025.

FUX, Samuel; FUX, Jacques. *Meu pai e o fim dos judeus da Bessarábia*. São Paulo: Perspectiva, 2023.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Tradução: Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 3-15, 1989.

QUATRO CINCO UM. *Árvore da vida. Entre o testemunho e a invenção, romance escrito por pai e filho discute memória, trauma e seus usos literários*. [S. l.], 31 jul. 2023a. Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/resenhas/literatura/arvore-da-vida/>. Acesso em 20 jun. 2024.

QUATRO CINCO UM. *Costurando memórias*. Escrever a partir de recordações de família é recriar acontecimentos e enfrentar traumas que atravessam gerações, dizem Cíntia Moscovich e Jacques Fux em mesa do FliMUJ. [S. l.], 2 dez. 2023b. Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/noticias/literatura/costurando-memorias/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

Tayane Fernandes dos Santos

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí (PPGL/UESPI). Especialista em Linguagens, suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Graduada em Letras – Português pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Bolsista Capes.

Silvana Maria Pantoja dos Santos

Doutora em Teoria Literária pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA); professora do PPGL de ambas as universidades. Atua na linha de pesquisa Literatura e Memória.

Endereço para correspondência

TAYANE FERNANDES DOS SANTOS

Universidade Estadual do Piauí
Rua João Cabral, 2231
Bairro Pirajá, 64002-150
Teresina, Piauí, Brasil

SILVANA MARIA PANTOJA DOS SANTOS

Universidade Estadual do Piauí
Rua João Cabral, 2231
Bairro Pirajá, 64002-150
Teresina, Piauí, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.